

# {k0} - O Caminho para a Prosperidade através dos Jogos: Dicas Infalíveis

Autor: symphonyinn.com Palavras-chave: {k0}

---

## Crise na Alemanha: A extrema-direita vence {k0} Thuringia e o centro-direita ataca os Verdes

Os muros de proteção dos *media* na Alemanha estão desmoronando. As eleições estaduais {k0} Thuringia entregaram a primeira vitória para a extrema-direita desde 1945 na região onde os nazistas entraram no poder regional pela primeira vez {k0} 1929 e na data {k0} que Adolf Hitler invadiu a Polônia {k0} 1939.

"A região leste fará isso!" A campanha do AfD misturou os temas populistas de direita com a sugestão de que a região leste é onde a verdadeira Alemanha resiste às horrores liberais do multiculturalismo e do energia eólica.

Um comentarista abalado anuncia que "a única maneira de manter o AfD à distância na Alemanha é abordar as preocupações que explora com debate construtivo {k0} questões sensíveis".

Outros escritores estão horrorizados de que o União Democrata-Cristã da Alemanha (CDU) esteja concentrando agora {k0} potência de fogo nacional nos Verdes. A Alemanha está copiando todos aqueles conservadores centristas recentes (dê uma volta, Boris Johnson) e está adotando as táticas de ataque de populistas de direita? Isso é o muro de fogo que realmente importa, e se isso cair...

Alguns fatos. Nas últimas eleições {k0} Thuringia {k0} 2024, o AfD ganhou 23,4% dos votos. Este ano, ele ganhou 32,8%. Considere esses cinco anos: Covid, a guerra da Ucrânia e a crise energética causada pela dependência cega da Alemanha do gás de Vladimir Putin. Um país liderado por uma coalizão fracturada sob um chanceler cujo partido obteve menos de 26%, e que parece fazer tudo o que faz (se é que faz alguma coisa) tarde e relutantemente. Cinco anos de um terreno ideal de criação para o populismo anti-"sistema" e teorias da conspiração - ao final dos quais o AfD conseguiu convencer menos de 10% mais de eleitores {k0} seu estado mais forte.

E na Alemanha, claro, ser o maior partido individual não significa que você "ganhou", porque (imagine a racionalidade!) seus assentos estão {k0} proporção aos seus votos. Sem uma maioria absoluta, tudo o que você ganha é o primeiro pedido {k0} uma coalizão. Se todos se recusarem a trabalhar com você (digamos, porque você é um fascista pró-Putin), é tudo. Portanto, o AfD não governará realmente a pequena Turíngia (casa de apenas 2,5% da população alemã, e diminuindo), não há caminho para ele entrar no governo central (as últimas pesquisas nacionais da semana passada o colocam {k0} 17,4%), e o centro moderado da Alemanha está realmente mantendo-se, apesar de tudo, melhor do que {k0} qualquer lugar da Europa, com os quatro principais partidos pró-Nato, pró-UE desfrutando de quase 63% de apoio.

No entanto, aos alemães ainda é dito que devem abordar as "preocupações" dos eleitores do AfD. Ou, como admitimos que, apesar da queda da parede de Berlim ter durado mais do que ela estava {k0} pé, a Alemanha leste ainda é profundamente diferente - não porque a arrogância do Oeste foi tão pesada após 1990, e não mesmo porque de 40 anos de ocupação soviética. Por causa da história.

Uma palavra: colonialismo. Em 1147, Colônia, Bonn, Mainz e Frankfurt eram centros de alta Idade Média da Europa; desde o dia {k0} que Júlio César mesmo nomeou-os, ninguém havia contestado que a Germânia era onde os alemães viviam; e Berlim era um vilarejo de pesca eslavo.

Nesse ano, o braço norte da Segunda Cruzada enviou cavaleiros alemães cruzando o Rio Elba, com a intenção de converter e conquistar os pagãos eslavos e bálticos. O resultado final foi uma colonização quase completa da Transelbia ocidental (quase: os sorábios ainda restam como testemunhas, pouco ao norte de Dresden); mais a leste, na atual Polônia, a terra permaneceu disputada entre colonos massivos e nativos, enquanto mais a leste, na atual Rússia/Lituânia, o estado dos Cavaleiros Teutônicos estabeleceu domínio elite-colonial sobre camponeses locais. Em 1525, foi o primeiro a adotar Lutero, renomeando-se (após uma tribo nativa que havia esmagado) Prússia.

É uma longa história, mas o resultado foi o paradigma colonial de assentamento que encontramos frequentemente, seja no Quênia britânico, na Argélia francesa, no Ulster lealista ou nos assentamentos ilegais de Israel. Também se aplica, com óbvias modificações, aos estados escravos dos EUA.

No final do século XVIII tardio, a Prússia estava no radar como a cultura mais militarizada da Europa - como Voltaire colocou: "Outros estados têm exércitos. Na Prússia, o exército tem um estado." A coluna vertebral dessa Prússia (que ainda coroava seus reis {k0} Königsberg) eram os junkers da Prússia Oriental e Ocidental.

Em troca de lealdade total à Casa de Hohenzollern, eles tiveram acesso exclusivo ao corpo de oficiais e governo de alto escalão. Em suas propriedades frequentemente vastas, mas pobres, eles eram não apenas os proprietários de terras, mas também os magistrados e comandantes da milícia. Poloneses, bálticos e russos trabalhavam para eles, sob um nível mais privilegiado de arrendatários alemães. Esses, sendo os arrendatários mais favorecidos, se mantinham próximos a, e (uma vez que eram enraizados) votavam nos junkers {k0} suas grandes casas. A sociedade resultante era tão diferente do oeste predominantemente católico que nos anos 1890 Max Weber, o fundador da sociologia, decidiu que precisava de seu próprio nome: Ostelbien ("Elbia Leste").

Isso levou à política desequilibrada da Alemanha imperial tardia, arrancada entre os objetivos sociais e militares dos industrialistas ocidentais (basicamente, para superar o império britânico antes que ele se conectasse aos EUA) e aqueles dos junkers (basicamente, para esmagar a Rússia antes que ela ficasse muito forte). Foi isso que, no final, levou a uma guerra de dois fronts suicida.

O estado-maior prussiano mostrou {k0} mão colonial de 1915 a 1918, quando o alto comando (Leste) governou uma grande parte da terra conquistada no Leste sem supervisão civil: uma colônia militar para produzir alimentos para a pátria (usando trabalho forçado, naturalmente) e ser o ponto de partida para a conquista total da Rússia, que eles insistiram {k0} tentar {k0} início de 1918, quando poderiam ter qualquer acordo razoável que quisessem, apesar de saberem que os americanos estavam entrando no Oeste. É apenas recentemente que alguém examinou essa oferta prussiana para a Operação Barbarossa de Hitler.

Depois da derrota, os alemães orientais continuaram votando como fizeram antes: o DNVP (o povo alemão nacional, o segundo maior no Reich de Weimar {k0} 1924) era quase inteiramente dependente de votos orientais. E quando a maré chegou, veio do Leste: se todas as partes da Alemanha tivessem votado da mesma forma que a Renânia e a Baviera {k0} 1930-32, Hitler nunca teria conseguido - e ainda precisava da ajuda do DNVP, que (como sempre) obteve quase todos os seus votos do Leste.

Esse passado colonial não é história - não é mesmo passado. Meu sogro, que morreu {k0} 2024, era um proprietário de terras da Prússia Oriental. Sua infância mundo dos anos 1920/30 (agora parte da Rússia) era uma colônia alemã: um cozinheiro russo lhe ensinou a andar a cavalo e seus pais falavam lituano com seus arrendatários. Há dezenas de milhares vivos hoje, na Polônia e na Alemanha, que na juventude poderiam ter sido baleados - de qualquer maneira - por chamar a {k0} cidade natal pelo nome errado (Posen ou Poznan? Colonial ou nativo?). E o estado de espírito colonial sempre sobrevive muito além de qualquer perigo real. Pergunte a qualquer pessoa na Irlanda do Norte. Isso, {k0} suma, é por que a Alemanha Leste sempre votou diferente da Alemanha Oeste - e ainda faz. Não estamos falando de preocupações racionalmente

abordáveis, mas uma divisão política e cultural mais profunda do que a linha Mason-Dixon nos EUA, e muito mais antiga.

Parece que o CDU percebeu que o futuro político da Alemanha está se desviando do sonho confortável da posguerra da Alemanha Ocidental de que a democracia signifique que mais ou menos todo mundo está mais ou menos satisfeito mais ou menos todo o tempo. Está indo {k0} vez disso para algo mais como a América azul/vermelha.

Como o historiador Adam Tooze coloca: "Se a Alemanha operasse um sistema de primeiro-passar-a-posta, o CDU varreria a maior parte do Oeste da Alemanha e o AfD levaria a totalidade do Leste da Alemanha." Isso não é loucura alguma: eles estão simplesmente fazendo campanha para 2025 como se o Leste e o Oeste da Alemanha fossem dois campos de batalha políticos inteiramente diferentes.

E por que não? A Baviera, o maior e um dos estados alemães mais ricos, é permanentemente governada pela União Social Cristã (CSU), que não se candidata {k0} nenhum outro lugar. Sim, é difícil abandonar o sonho da democracia consensual e a Alemanha, com {k0} história, está razoavelmente assustada com o que pode vir {k0} vez disso. Mas quanto mais você olhar para a visão de uma nação-estado cultural e politicamente homogênea, mais se sente como um sonho do século XIX, cujo propósito real era construir uma cultura nacional inventada pronta para ser imposta {k0} um império.

Nós britânicos votamos pela loucura do Brexit graças a esse sonho; isso levou a Alemanha a enviar €2tn para o leste desde 1990 (em vez de fortalecer a coesão social no Oeste) {k0} nome da unidade nacional - apesar de que os orientais ainda votam como votam os orientais, gritam que são a verdadeira Alemanha e exigem mais.

---

## Partilha de casos

### Crise na Alemanha: A extrema-direita vence {k0} Thuringia e o centro-direita ataca os Verdes

Os muros de proteção dos *media* na Alemanha estão desmoronando. As eleições estaduais {k0} Thuringia entregaram a primeira vitória para a extrema-direita desde 1945 na região onde os nazistas entraram no poder regional pela primeira vez {k0} 1929 e na data {k0} que Adolf Hitler invadiu a Polônia {k0} 1939.

"A região leste fará isso!" A campanha do AfD misturou os temas populistas de direita com a sugestão de que a região leste é onde a verdadeira Alemanha resiste às horrores liberais do multiculturalismo e do energia eólica.

Um comentarista abalado anuncia que "a única maneira de manter o AfD à distância na Alemanha é abordar as preocupações que explora com debate construtivo {k0} questões sensíveis".

Outros escritores estão horrorizados de que o União Democrata-Cristã da Alemanha (CDU) esteja concentrando agora {k0} potência de fogo nacional nos Verdes. A Alemanha está copiando todos aqueles conservadores centristas recentes (dê uma volta, Boris Johnson) e está adotando as táticas de ataque de populistas de direita? Isso é o muro de fogo que realmente importa, e se isso cair...

Alguns fatos. Nas últimas eleições {k0} Thuringia {k0} 2024, o AfD ganhou 23,4% dos votos. Este ano, ele ganhou 32,8%. Considere esses cinco anos: Covid, a guerra da Ucrânia e a crise energética causada pela dependência cega da Alemanha do gás de Vladimir Putin. Um país liderado por uma coalizão fracturada sob um chanceler cujo partido obteve menos de 26%, e que parece fazer tudo o que faz (se é que faz alguma coisa) tarde e relutantemente. Cinco anos de um terreno ideal de criação para o populismo anti-"sistema" e teorias da conspiração - ao final dos quais o AfD conseguiu convencer menos de 10% mais de eleitores {k0} seu estado mais forte.

E na Alemanha, claro, ser o maior partido individual não significa que você "ganhou", porque (imagine a racionalidade!) seus assentos estão {k0} proporção aos seus votos. Sem uma maioria absoluta, tudo o que você ganha é o primeiro pedido {k0} uma coalizão. Se todos se recusarem a trabalhar com você (digamos, porque você é um fascista pró-Putin), é tudo. Portanto, o AfD não governará realmente a pequena Turíngia (casa de apenas 2,5% da população alemã, e diminuindo), não há caminho para ele entrar no governo central (as últimas pesquisas nacionais da semana passada o colocam {k0} 17,4%), e o centro moderado da Alemanha está realmente mantendo-se, apesar de tudo, melhor do que {k0} qualquer lugar da Europa, com os quatro principais partidos pró-Nato, pró-UE desfrutando de quase 63% de apoio.

No entanto, aos alemães ainda é dito que devem abordar as "preocupações" dos eleitores do AfD. Ou, como admitimos que, apesar da queda da parede de Berlim ter durado mais do que ela estava {k0} pé, a Alemanha leste ainda é profundamente diferente - não porque a arrogância do Oeste foi tão pesada após 1990, e não mesmo porque de 40 anos de ocupação soviética. Por causa da história.

Uma palavra: colonialismo. Em 1147, Colônia, Bonn, Mainz e Frankfurt eram centros de alta Idade Média da Europa; desde o dia {k0} que Júlio César mesmo nomeou-os, ninguém havia contestado que a Germânia era onde os alemães viviam; e Berlim era um vilarejo de pesca eslavo.

Nesse ano, o braço norte da Segunda Cruzada enviou cavaleiros alemães cruzando o Rio Elba, com a intenção de converter e conquistar os pagãos eslavos e bálticos. O resultado final foi uma colonização quase completa da Transelbia ocidental (quase: os sorábios ainda restam como testemunhas, pouco ao norte de Dresden); mais a leste, na atual Polônia, a terra permaneceu disputada entre colonos massivos e nativos, enquanto mais a leste, na atual Rússia/Lituânia, o estado dos Cavaleiros Teutônicos estabeleceu domínio elite-colonial sobre camponeses locais. Em 1525, foi o primeiro a adotar Lutero, renomeando-se (após uma tribo nativa que havia esmagado) Prússia.

É uma longa história, mas o resultado foi o paradigma colonial de assentamento que encontramos frequentemente, seja no Quênia britânico, na Argélia francesa, no Ulster lealista ou nos assentamentos ilegais de Israel. Também se aplica, com óbvias modificações, aos estados escravos dos EUA.

No final do século XVIII tardio, a Prússia estava no radar como a cultura mais militarizada da Europa - como Voltaire colocou: "Outros estados têm exércitos. Na Prússia, o exército tem um estado." A coluna vertebral dessa Prússia (que ainda coroava seus reis {k0} Königsberg) eram os junkers da Prússia Oriental e Ocidental.

Em troca de lealdade total à Casa de Hohenzollern, eles tiveram acesso exclusivo ao corpo de oficiais e governo de alto escalão. Em suas propriedades frequentemente vastas, mas pobres, eles eram não apenas os proprietários de terras, mas também os magistrados e comandantes da milícia. Poloneses, bálticos e russos trabalhavam para eles, sob um nível mais privilegiado de arrendatários alemães. Esses, sendo os arrendatários mais favorecidos, se mantinham próximos a, e (uma vez que eram enraizados) votavam nos junkers {k0} suas grandes casas. A sociedade resultante era tão diferente do oeste predominantemente católico que nos anos 1890 Max Weber, o fundador da sociologia, decidiu que precisava de seu próprio nome: Ostelbien ("Elbia Leste").

Isso levou à política desequilibrada da Alemanha imperial tardia, arrancada entre os objetivos sociais e militares dos industrialistas ocidentais (basicamente, para superar o império britânico antes que ele se conectasse aos EUA) e aqueles dos junkers (basicamente, para esmagar a Rússia antes que ela ficasse muito forte). Foi isso que, no final, levou a uma guerra de dois frentes suicida.

O estado-maior prussiano mostrou {k0} mão colonial de 1915 a 1918, quando o alto comando (Leste) governou uma grande parte da terra conquistada no Leste sem supervisão civil: uma colônia militar para produzir alimentos para a pátria (usando trabalho forçado, naturalmente) e ser o ponto de partida para a conquista total da Rússia, que eles insistiram {k0} tentar {k0} início

de 1918, quando poderiam ter qualquer acordo razoável que quisessem, apesar de saberem que os americanos estavam entrando no Oeste. É apenas recentemente que alguém examinou essa oferta prussiana para a Operação Barbarossa de Hitler.

Depois da derrota, os alemães orientais continuaram votando como fizeram antes: o DNVP (o povo alemão nacional, o segundo maior no Reich de Weimar {k0} 1924) era quase inteiramente dependente de votos orientais. E quando a maré chegou, veio do Leste: se todas as partes da Alemanha tivessem votado da mesma forma que a Renânia e a Baviera {k0} 1930-32, Hitler nunca teria conseguido - e ainda precisava da ajuda do DNVP, que (como sempre) obteve quase todos os seus votos do Leste.

Esse passado colonial não é história - não é mesmo passado. Meu sogro, que morreu {k0} 2024, era um proprietário de terras da Prússia Oriental. Sua infância mundo dos anos 1920/30 (agora parte da Rússia) era uma colônia alemã: um cozinheiro russo lhe ensinou a andar a cavalo e seus pais falavam lituano com seus arrendatários. Há dezenas de milhares vivos hoje, na Polônia e na Alemanha, que na juventude poderiam ter sido baleados - de qualquer maneira - por chamar a {k0} cidade natal pelo nome errado (Posen ou Poznan? Colonial ou nativo?). E o estado de espírito colonial sempre sobrevive muito além de qualquer perigo real. Pergunte a qualquer pessoa na Irlanda do Norte. Isso, {k0} suma, é por que a Alemanha Leste sempre votou diferente da Alemanha Oeste - e ainda faz. Não estamos falando de preocupações racionalmente abordáveis, mas uma divisão política e cultural mais profunda do que a linha Mason-Dixon nos EUA, e muito mais antiga.

Parece que o CDU percebeu que o futuro político da Alemanha está se desviando do sonho confortável da posguerra da Alemanha Ocidental de que a democracia signifique que mais ou menos todo mundo está mais ou menos satisfeito mais ou menos todo o tempo. Está indo {k0} vez disso para algo mais como a América azul/vermelha.

Como o historiador Adam Tooze coloca: "Se a Alemanha operasse um sistema de primeiro-passar-a-posta, o CDU varreria a maior parte do Oeste da Alemanha e o AfD levaria a totalidade do Leste da Alemanha." Isso não é loucura alguma: eles estão simplesmente fazendo campanha para 2025 como se o Leste e o Oeste da Alemanha fossem dois campos de batalha políticos inteiramente diferentes.

E por que não? A Baviera, o maior e um dos estados alemães mais ricos, é permanentemente governada pela União Social Cristã (CSU), que não se candidata {k0} nenhum outro lugar. Sim, é difícil abandonar o sonho da democracia consensual e a Alemanha, com {k0} história, está razoavelmente assustada com o que pode vir {k0} vez disso. Mas quanto mais você olhar para a visão de uma nação-estado cultural e politicamente homogênea, mais se sente como um sonho do século XIX, cujo propósito real era construir uma cultura nacional inventada pronta para ser imposta {k0} um império.

Nós britânicos votamos pela loucura do Brexit graças a esse sonho; isso levou a Alemanha a enviar €2tn para o leste desde 1990 (em vez de fortalecer a coesão social no Oeste) {k0} nome da unidade nacional - apesar de que os orientais ainda votam como votam os orientais, gritam que são a verdadeira Alemanha e exigem mais.

---

## Expanda pontos de conhecimento

### Crise na Alemanha: A extrema-direita vence {k0} Thuringia e o centro-direita ataca os Verdes

Os muros de proteção dos *media* na Alemanha estão desmoronando. As eleições estaduais {k0} Thuringia entregaram a primeira vitória para a extrema-direita desde 1945 na região onde os nazistas entraram no poder regional pela primeira vez {k0} 1929 e na data {k0} que Adolf Hitler invadiu a Polônia {k0} 1939.

"A região leste fará isso!" A campanha do AfD misturou os temas populistas de direita com a

sugestão de que a região leste é onde a verdadeira Alemanha resiste às horrores liberais do multiculturalismo e do energia eólica.

Um comentarista abalado anuncia que "a única maneira de manter o AfD à distância na Alemanha é abordar as preocupações que explora com debate construtivo {k0} questões sensíveis".

Outros escritores estão horrorizados de que o União Democrata-Cristã da Alemanha (CDU) esteja concentrando agora {k0} potência de fogo nacional nos Verdes. A Alemanha está copiando todos aqueles conservadores centristas recentes (dê uma volta, Boris Johnson) e está adotando as táticas de ataque de populistas de direita? Isso é o muro de fogo que realmente importa, e se isso cair...

Alguns fatos. Nas últimas eleições {k0} Thuringia {k0} 2024, o AfD ganhou 23,4% dos votos. Este ano, ele ganhou 32,8%. Considere esses cinco anos: Covid, a guerra da Ucrânia e a crise energética causada pela dependência cega da Alemanha do gás de Vladimir Putin. Um país liderado por uma coalizão fracturada sob um chanceler cujo partido obteve menos de 26%, e que parece fazer tudo o que faz (se é que faz alguma coisa) tarde e relutantemente. Cinco anos de um terreno ideal de criação para o populismo anti-"sistema" e teorias da conspiração - ao final dos quais o AfD conseguiu convencer menos de 10% mais de eleitores {k0} seu estado mais forte.

E na Alemanha, claro, ser o maior partido individual não significa que você "ganhou", porque (imagine a racionalidade!) seus assentos estão {k0} proporção aos seus votos. Sem uma maioria absoluta, tudo o que você ganha é o primeiro pedido {k0} uma coalizão. Se todos se recusarem a trabalhar com você (digamos, porque você é um fascista pró-Putin), é tudo. Portanto, o AfD não governará realmente a pequena Turíngia (casa de apenas 2,5% da população alemã, e diminuindo), não há caminho para ele entrar no governo central (as últimas pesquisas nacionais da semana passada o colocam {k0} 17,4%), e o centro moderado da Alemanha está realmente mantendo-se, apesar de tudo, melhor do que {k0} qualquer lugar da Europa, com os quatro principais partidos pró-Nato, pró-UE desfrutando de quase 63% de apoio.

No entanto, aos alemães ainda é dito que devem abordar as "preocupações" dos eleitores do AfD. Ou, como admitimos que, apesar da queda da parede de Berlim ter durado mais do que ela estava {k0} pé, a Alemanha leste ainda é profundamente diferente - não porque a arrogância do Oeste foi tão pesada após 1990, e não mesmo porque de 40 anos de ocupação soviética. Por causa da história.

Uma palavra: colonialismo. Em 1147, Colônia, Bonn, Mainz e Frankfurt eram centros de alta Idade Média da Europa; desde o dia {k0} que Júlio César mesmo nomeou-os, ninguém havia contestado que a Germânia era onde os alemães viviam; e Berlim era um vilarejo de pesca eslavo.

Nesse ano, o braço norte da Segunda Cruzada enviou cavaleiros alemães cruzando o Rio Elba, com a intenção de converter e conquistar os pagãos eslavos e bálticos. O resultado final foi uma colonização quase completa da Transelbia ocidental (quase: os sorábios ainda restam como testemunhas, pouco ao norte de Dresden); mais a leste, na atual Polônia, a terra permaneceu disputada entre colonos massivos e nativos, enquanto mais a leste, na atual Rússia/Lituânia, o estado dos Cavaleiros Teutônicos estabeleceu domínio elite-colonial sobre camponeses locais. Em 1525, foi o primeiro a adotar Lutero, renomeando-se (após uma tribo nativa que havia esmagado) Prússia.

É uma longa história, mas o resultado foi o paradigma colonial de assentamento que encontramos frequentemente, seja no Quênia britânico, na Argélia francesa, no Ulster lealista ou nos assentamentos ilegais de Israel. Também se aplica, com óbvias modificações, aos estados escravos dos EUA.

No final do século XVIII tardio, a Prússia estava no radar como a cultura mais militarizada da Europa - como Voltaire colocou: "Outros estados têm exércitos. Na Prússia, o exército tem um estado." A coluna vertebral dessa Prússia (que ainda coroava seus reis {k0} Königsberg) eram

os junkers da Prússia Oriental e Ocidental.

Em troca de lealdade total à Casa de Hohenzollern, eles tiveram acesso exclusivo ao corpo de oficiais e governo de alto escalão. Em suas propriedades frequentemente vastas, mas pobres, eles eram não apenas os proprietários de terras, mas também os magistrados e comandantes da milícia. Poloneses, bálticos e russos trabalhavam para eles, sob um nível mais privilegiado de arrendatários alemães. Esses, sendo os arrendatários mais favorecidos, se mantinham próximos a, e (uma vez que eram enraizados) votavam nos junkers {k0} suas grandes casas. A sociedade resultante era tão diferente do oeste predominantemente católico que nos anos 1890 Max Weber, o fundador da sociologia, decidiu que precisava de seu próprio nome: Ostelbien ("Elbia Leste").

Isso levou à política desequilibrada da Alemanha imperial tardia, arrancada entre os objetivos sociais e militares dos industrialistas ocidentais (basicamente, para superar o império britânico antes que ele se conectasse aos EUA) e aqueles dos junkers (basicamente, para esmagar a Rússia antes que ela ficasse muito forte). Foi isso que, no final, levou a uma guerra de dois frentes suicida.

O estado-maior prussiano mostrou {k0} mão colonial de 1915 a 1918, quando o alto comando (Leste) governou uma grande parte da terra conquistada no Leste sem supervisão civil: uma colônia militar para produzir alimentos para a pátria (usando trabalho forçado, naturalmente) e ser o ponto de partida para a conquista total da Rússia, que eles insistiram {k0} tentar {k0} início de 1918, quando poderiam ter qualquer acordo razoável que quisessem, apesar de saberem que os americanos estavam entrando no Oeste. É apenas recentemente que alguém examinou essa oferta prussiana para a Operação Barbarossa de Hitler.

Depois da derrota, os alemães orientais continuaram votando como fizeram antes: o DNVP (o povo alemão nacional, o segundo maior no Reich de Weimar {k0} 1924) era quase inteiramente dependente de votos orientais. E quando a maré chegou, veio do Leste: se todas as partes da Alemanha tivessem votado da mesma forma que a Renânia e a Baviera {k0} 1930-32, Hitler nunca teria conseguido - e ainda precisava da ajuda do DNVP, que (como sempre) obteve quase todos os seus votos do Leste.

Esse passado colonial não é história - não é mesmo passado. Meu sogro, que morreu {k0} 2024, era um proprietário de terras da Prússia Oriental. Sua infância mundo dos anos 1920/30 (agora parte da Rússia) era uma colônia alemã: um cozinheiro russo lhe ensinou a andar a cavalo e seus pais falavam lituano com seus arrendatários. Há dezenas de milhares vivos hoje, na Polônia e na Alemanha, que na juventude poderiam ter sido baleados - de qualquer maneira - por chamar a {k0} cidade natal pelo nome errado (Posen ou Poznan? Colonial ou nativo?). E o estado de espírito colonial sempre sobrevive muito além de qualquer perigo real. Pergunte a qualquer pessoa na Irlanda do Norte. Isso, {k0} suma, é por que a Alemanha Leste sempre votou diferente da Alemanha Oeste - e ainda faz. Não estamos falando de preocupações racionalmente abordáveis, mas uma divisão política e cultural mais profunda do que a linha Mason-Dixon nos EUA, e muito mais antiga.

Parece que o CDU percebeu que o futuro político da Alemanha está se desviando do sonho confortável da posguerra da Alemanha Ocidental de que a democracia signifique que mais ou menos todo mundo está mais ou menos satisfeito mais ou menos todo o tempo. Está indo {k0} vez disso para algo mais como a América azul/vermelha.

Como o historiador Adam Tooze coloca: "Se a Alemanha operasse um sistema de primeiro-passar-a-posta, o CDU varreria a maior parte do Oeste da Alemanha e o AfD levaria a totalidade do Leste da Alemanha." Isso não é loucura alguma: eles estão simplesmente fazendo campanha para 2025 como se o Leste e o Oeste da Alemanha fossem dois campos de batalha políticos inteiramente diferentes.

E por que não? A Baviera, o maior e um dos estados alemães mais ricos, é permanentemente governada pela União Social Cristã (CSU), que não se candidata {k0} nenhum outro lugar. Sim, é difícil abandonar o sonho da democracia consensual e a Alemanha, com {k0} história, está razoavelmente assustada com o que pode vir {k0} vez disso. Mas quanto mais você olhar para a

visão de uma nação-estado cultural e politicamente homogênea, mais se sente como um sonho do século XIX, cujo propósito real era construir uma cultura nacional inventada pronta para ser imposta {k0} um império.

Nós britânicos votamos pela loucura do Brexit graças a esse sonho; isso levou a Alemanha a enviar €2tn para o leste desde 1990 (em vez de fortalecer a coesão social no Oeste) {k0} nome da unidade nacional - apesar de que os orientais ainda votam como votam os orientais, gritam que são a verdadeira Alemanha e exigem mais.

---

## comentário do comentarista

### Crise na Alemanha: A extrema-direita vence {k0} Thuringia e o centro-direita ataca os Verdes

Os muros de proteção dos *media* na Alemanha estão desmoronando. As eleições estaduais {k0} Thuringia entregaram a primeira vitória para a extrema-direita desde 1945 na região onde os nazistas entraram no poder regional pela primeira vez {k0} 1929 e na data {k0} que Adolf Hitler invadiu a Polônia {k0} 1939.

"A região leste fará isso!" A campanha do AfD misturou os temas populistas de direita com a sugestão de que a região leste é onde a verdadeira Alemanha resiste às horrores liberais do multiculturalismo e do energia eólica.

Um comentarista abalado anuncia que "a única maneira de manter o AfD à distância na Alemanha é abordar as preocupações que explora com debate construtivo {k0} questões sensíveis".

Outros escritores estão horrorizados de que o União Democrata-Cristã da Alemanha (CDU) esteja concentrando agora {k0} potência de fogo nacional nos Verdes. A Alemanha está copiando todos aqueles conservadores centristas recentes (dê uma volta, Boris Johnson) e está adotando as táticas de ataque de populistas de direita? Isso é o muro de fogo que realmente importa, e se isso cair...

Alguns fatos. Nas últimas eleições {k0} Thuringia {k0} 2024, o AfD ganhou 23,4% dos votos. Este ano, ele ganhou 32,8%. Considere esses cinco anos: Covid, a guerra da Ucrânia e a crise energética causada pela dependência cega da Alemanha do gás de Vladimir Putin. Um país liderado por uma coalizão fracturada sob um chanceler cujo partido obteve menos de 26%, e que parece fazer tudo o que faz (se é que faz alguma coisa) tarde e relutantemente. Cinco anos de um terreno ideal de criação para o populismo anti-"sistema" e teorias da conspiração - ao final dos quais o AfD conseguiu convencer menos de 10% mais de eleitores {k0} seu estado mais forte.

E na Alemanha, claro, ser o maior partido individual não significa que você "ganhou", porque (imagine a racionalidade!) seus assentos estão {k0} proporção aos seus votos. Sem uma maioria absoluta, tudo o que você ganha é o primeiro pedido {k0} uma coalizão. Se todos se recusarem a trabalhar com você (digamos, porque você é um fascista pró-Putin), é tudo. Portanto, o AfD não governará realmente a pequena Turíngia (casa de apenas 2,5% da população alemã, e diminuindo), não há caminho para ele entrar no governo central (as últimas pesquisas nacionais da semana passada o colocam {k0} 17,4%), e o centro moderado da Alemanha está realmente mantendo-se, apesar de tudo, melhor do que {k0} qualquer lugar da Europa, com os quatro principais partidos pró-Nato, pró-UE desfrutando de quase 63% de apoio.

No entanto, aos alemães ainda é dito que devem abordar as "preocupações" dos eleitores do AfD. Ou, como admitimos que, apesar da queda da parede de Berlim ter durado mais do que ela estava {k0} pé, a Alemanha leste ainda é profundamente diferente - não porque a arrogância do Oeste foi tão pesada após 1990, e não mesmo porque de 40 anos de ocupação soviética. Por causa da história.

Uma palavra: colonialismo. Em 1147, Colônia, Bonn, Mainz e Frankfurt eram centros de alta



Idade Média da Europa; desde o dia {k0} que Júlio César mesmo nomeou-os, ninguém havia contestado que a Germânia era onde os alemães viviam; e Berlim era um vilarejo de pesca eslavo.

Nesse ano, o braço norte da Segunda Cruzada enviou cavaleiros alemães cruzando o Rio Elba, com a intenção de converter e conquistar os pagãos eslavos e bálticos. O resultado final foi uma colonização quase completa da Transelbia ocidental (quase: os sorábios ainda restam como testemunhas, pouco ao norte de Dresden); mais a leste, na atual Polônia, a terra permaneceu disputada entre colonos massivos e nativos, enquanto mais a leste, na atual Rússia/Lituânia, o estado dos Cavaleiros Teutônicos estabeleceu domínio elite-colonial sobre camponeses locais. Em 1525, foi o primeiro a adotar Lutero, renomeando-se (após uma tribo nativa que havia esmagado) Prússia.

É uma longa história, mas o resultado foi o paradigma colonial de assentamento que encontramos frequentemente, seja no Quênia britânico, na Argélia francesa, no Ulster lealista ou nos assentamentos ilegais de Israel. Também se aplica, com óbvias modificações, aos estados escravos dos EUA.

No final do século XVIII tardio, a Prússia estava no radar como a cultura mais militarizada da Europa - como Voltaire colocou: "Outros estados têm exércitos. Na Prússia, o exército tem um estado." A coluna vertebral dessa Prússia (que ainda coroava seus reis {k0} Königsberg) eram os junkers da Prússia Oriental e Ocidental.

Em troca de lealdade total à Casa de Hohenzollern, eles tiveram acesso exclusivo ao corpo de oficiais e governo de alto escalão. Em suas propriedades frequentemente vastas, mas pobres, eles eram não apenas os proprietários de terras, mas também os magistrados e comandantes da milícia. Poloneses, bálticos e russos trabalhavam para eles, sob um nível mais privilegiado de arrendatários alemães. Esses, sendo os arrendatários mais favorecidos, se mantinham próximos a, e (uma vez que eram enraizados) votavam nos junkers {k0} suas grandes casas. A sociedade resultante era tão diferente do oeste predominantemente católico que nos anos 1890 Max Weber, o fundador da sociologia, decidiu que precisava de seu próprio nome: Ostelbien ("Elbia Leste").

Isso levou à política desequilibrada da Alemanha imperial tardia, arrancada entre os objetivos sociais e militares dos industrialistas ocidentais (basicamente, para superar o império britânico antes que ele se conectasse aos EUA) e aqueles dos junkers (basicamente, para esmagar a Rússia antes que ela ficasse muito forte). Foi isso que, no final, levou a uma guerra de dois frentes suicida.

O estado-maior prussiano mostrou {k0} mão colonial de 1915 a 1918, quando o alto comando (Leste) governou uma grande parte da terra conquistada no Leste sem supervisão civil: uma colônia militar para produzir alimentos para a pátria (usando trabalho forçado, naturalmente) e ser o ponto de partida para a conquista total da Rússia, que eles insistiram {k0} tentar {k0} início de 1918, quando poderiam ter qualquer acordo razoável que quisessem, apesar de saberem que os americanos estavam entrando no Oeste. É apenas recentemente que alguém examinou essa oferta prussiana para a Operação Barbarossa de Hitler.

Depois da derrota, os alemães orientais continuaram votando como fizeram antes: o DNVP (o povo alemão nacional, o segundo maior no Reich de Weimar {k0} 1924) era quase inteiramente dependente de votos orientais. E quando a maré chegou, veio do Leste: se todas as partes da Alemanha tivessem votado da mesma forma que a Renânia e a Baviera {k0} 1930-32, Hitler nunca teria conseguido - e ainda precisava da ajuda do DNVP, que (como sempre) obteve quase todos os seus votos do Leste.

Esse passado colonial não é história - não é mesmo passado. Meu sogro, que morreu {k0} 2024, era um proprietário de terras da Prússia Oriental. Sua infância mundo dos anos 1920/30 (agora parte da Rússia) era uma colônia alemã: um cozinheiro russo lhe ensinou a andar a cavalo e seus pais falavam lituano com seus arrendatários. Há dezenas de milhares vivos hoje, na Polônia e na Alemanha, que na juventude poderiam ter sido baleados - de qualquer maneira - por chamar a {k0} cidade natal pelo nome errado (Posen ou Poznan? Colonial ou nativo?). E o estado de

espírito colonial sempre sobrevive muito além de qualquer perigo real. Pergunte a qualquer pessoa na Irlanda do Norte. Isso, {k0} suma, é por que a Alemanha Leste sempre votou diferente da Alemanha Oeste - e ainda faz. Não estamos falando de preocupações racionalmente abordáveis, mas uma divisão política e cultural mais profunda do que a linha Mason-Dixon nos EUA, e muito mais antiga.

Parece que o CDU percebeu que o futuro político da Alemanha está se desviando do sonho confortável da posguerra da Alemanha Ocidental de que a democracia signifique que mais ou menos todo mundo está mais ou menos satisfeito mais ou menos todo o tempo. Está indo {k0} vez disso para algo mais como a América azul/vermelha.

Como o historiador Adam Tooze coloca: "Se a Alemanha operasse um sistema de primeiro-passar-a-posta, o CDU varreria a maior parte do Oeste da Alemanha e o AfD levaria a totalidade do Leste da Alemanha." Isso não é loucura alguma: eles estão simplesmente fazendo campanha para 2025 como se o Leste e o Oeste da Alemanha fossem dois campos de batalha políticos inteiramente diferentes.

E por que não? A Baviera, o maior e um dos estados alemães mais ricos, é permanentemente governada pela União Social Cristã (CSU), que não se candidata {k0} nenhum outro lugar. Sim, é difícil abandonar o sonho da democracia consensual e a Alemanha, com {k0} história, está razoavelmente assustada com o que pode vir {k0} vez disso. Mas quanto mais você olhar para a visão de uma nação-estado cultural e politicamente homogênea, mais se sente como um sonho do século XIX, cujo propósito real era construir uma cultura nacional inventada pronta para ser imposta {k0} um império.

Nós britânicos votamos pela loucura do Brexit graças a esse sonho; isso levou a Alemanha a enviar €2tn para o leste desde 1990 (em vez de fortalecer a coesão social no Oeste) {k0} nome da unidade nacional - apesar de que os orientais ainda votam como votam os orientais, gritam que são a verdadeira Alemanha e exigem mais.

---

### Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: {k0}

Palavras-chave: {k0} - O Caminho para a Prosperidade através dos Jogos: Dicas Infalíveis

Data de lançamento de: 2024-10-15

---

### Referências Bibliográficas:

1. [brabet pênalti](#)
2. [3bet 365](#)
3. [betnacional instagram](#)
4. [bwin 88](#)